

A Arte como centro de interpretação da evolução e transformações do mundo

Durante o decorrer das nossas vidas, muitas vezes não refletimos sobre o fantástico e misterioso funcionamento do pensamento. "Pensamento que é imaginação, enquanto consciência, mas consciência enquanto fenômeno do inconsciente num turbulento e viscoso processo que acostumamos chamar de inteligência" - como sabiamente define o autor.

Ter a oportunidade de ler esse admirável e monumental trabalho, riquíssimo em ideias, criações e especulações filosóficas, é ter a oportunidade de melhor compreender, para além da própria estrutura do pensamento, a constante metamorfose sensorial, cognitiva e cultural que eternamente vivemos.

A obra se estrutura, fundamentalmente, em três partes interligadas entre si. A primeira se relaciona com a natureza dos nossos sentidos; a segunda trata das modificações sofridas pela nossa paleta sensorial ao longo da evolução histórica da Humanidade; e a terceira é destinada ao funcionamento do cérebro.

O autor se preocupou sempre em ser minudente na consideração do tema, fornecendo grandes quantidades de informações, sempre com qualidade, de forma a garantir ótimo entendimento dos livros. Outro pormenor é que essas informações foram bem delineadas e organizadas dentro de cada parte do trabalho, sem afetar a conexão dessas partes.

No decorrer do livro, para cada época histórica, foram citados fragmentos de ideologias e grandes pensadores ou "artistas", fornecendo-nos uma imagem precisa e preciosa acerca da realidade e das crenças do período, isto é, de como as pessoas percebiam o mundo.

Toda a Natureza, tudo o quê está ao nosso redor, nada mais é que a tradução do nosso próprio pensamento. E esse pensamento, esse entendimento do Universo, ocorre sempre da estética e da percepção sensorial.

Durante o decorrer da história ocidental, novas tecnologias sensoriais se foram gradualmente consolidando, causando mudanças em nossa paleta sensorial, fazendo com que alguns sentidos ganhassem mais importância que outros.

Assim, alterando-se a nossa equalização dos sentidos, transforma-se o próprio inconsciente, alterando a realidade. Tudo então passa a ser permanente construção. Toda evolução humana passa a ser uma contínua metamorfose.

Aí temos a cultura, um poderoso instrumento de controle da Natureza, constituído pelas mais diversas formas de linguagem. A cultura tenderia à imutabilidade, à imobilidade, não fosse o permanente processo de transformação promovido pela arte.

A arte é a iluminação, o grito de liberdade. Ela tem o papel revitalizador da cultura. Emerge como uma espécie de crítica da linguagem nas suas mais diversas manifestações, permitindo a permanente construção e desconstrução da cultura.

É por meio do método, que requer conhecimento, e do impulso criativo, que pressupõe o novo, que ocorre a iluminação, ou seja, a descoberta. Não há arte sem iluminação e esta é a revelação de uma parte da cultura que, nesse processo é desconstruída.

Diz nosso autor Mestre Emanuel Dimas de Melo Pimenta que, sem a arte, estaríamos inevitavelmente condenados ao *rigor mortis* de intermináveis convenções, de leis, regras e costumes.

Todavia, quando não há arte, outro mecanismo que serve para a crítica da cultura é o crime que, no seu funcionamento degenerativo, implica uma redução da identidade e se evidencia comumente como violência.

Certamente, dentre as descobertas que mais influenciaram a *schemata* humana, destacam-se a escrita e em seguida o alfabeto fonético.

Foi com a escrita que passamos de uma sociedade predominantemente acústica e tribal, para uma sociedade privilegiadamente visual, literária. Com a escrita, ocorre o rápido desenvolvimento urbano, uma maior divisão e especialização do trabalho e a emergência de sistemas políticos. A escrita também torna possível a ampliação da memória de longo termo, desencadeando uma verdadeira mutação ao nível cognitivo.

O alfabeto fonético, por sua vez, significou uma fusão do olho e do ouvido, nas suas matrizes lógicas. Para além de poder ser utilizado para qualquer idioma, facilitou a comunicação e a memorização, pois passou a operar todo o universo de conhecimento com aproximadamente apenas vinte signos, substituindo os outros milhares antes necessários.

A imprensa de tipos móveis criada por Gutenberg foi fator *sine qua non* para a consolidação de uma sociedade literária, intensificando o uso do texto escrito e disseminando ideias. A produção de livros e periódicos tornou a informação dia após dia mais acessível.

Nos últimos anos do século XX, podemos observar claramente mais um importante período transitório, em decorrência dos sistemas de intercomunicação global em tempo-real. *Ethos* locais passam a interagir cada vez mais, formando uma espécie de *ethos* planetário.

Inicialmente, alguns acreditavam que tal fenômeno poderia acarretar uma homogeneização cultural, mas, inversamente, o que vem acontecendo é uma tendência à diversidade, com o surgimento de novas espécies culturais, fruto dessas interações.

Essa grande diversidade produziu uma "cultura da criatividade", onde o indivíduo hábil na simples e redutora memorização de dados é gradualmente substituído pelo sujeito hábil na combinação, na efetivação de relações, na invenção e na bricolagem.

Tem-se a noção, através deste sucinto *introdutório*, que o tema desenvolvido na obra desperta grande curiosidade, e pela sua complexidade não poderia ter sido abordado de forma mais adequada e profunda pelo autor.

É uma obra monumental, notável e extraordinário contributo ao pensamento universal!

Embaixador Dário Moreira de Castro Alves

Fortaleza, seis de Julho de 2004